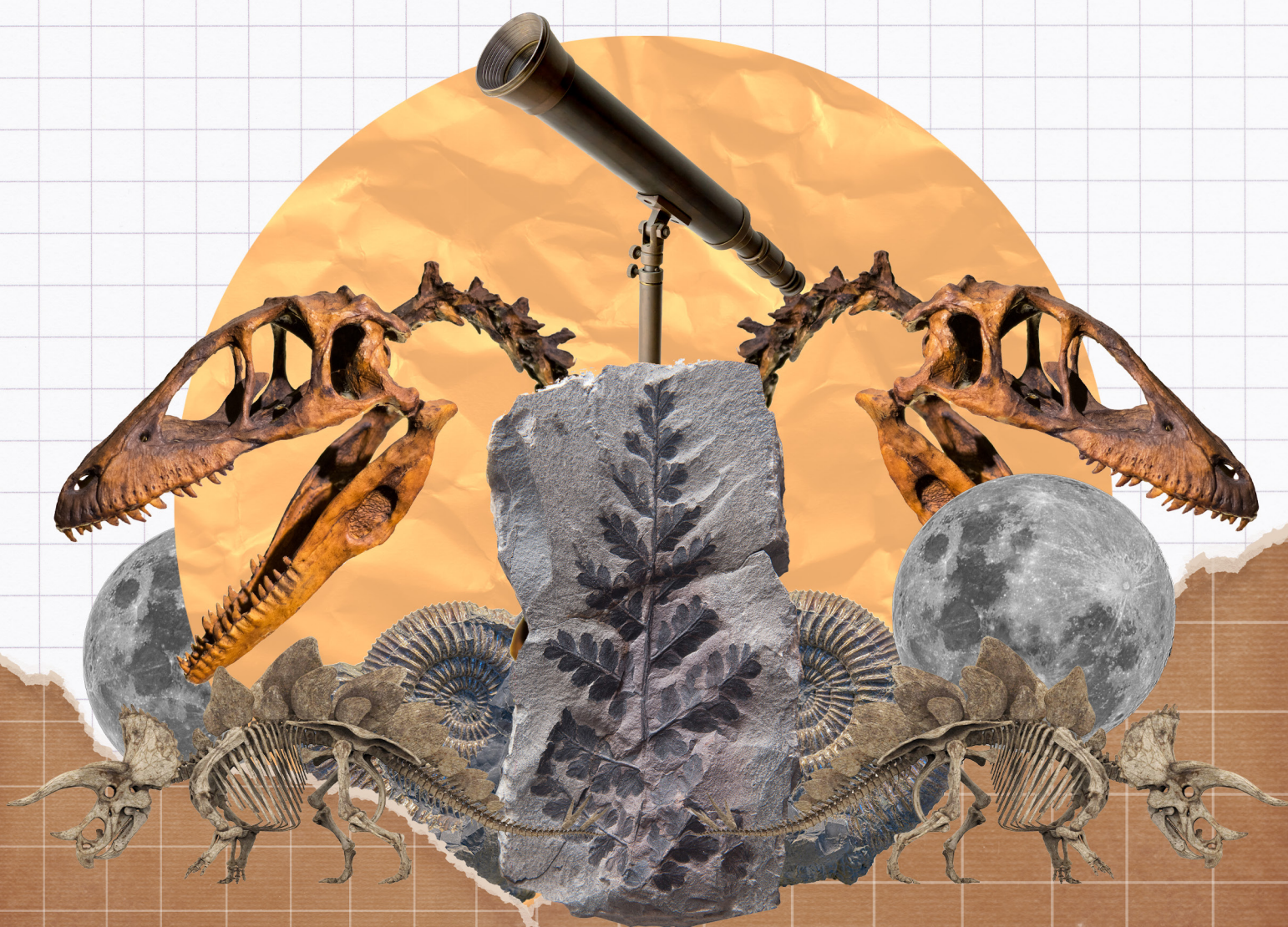


MUSEUS NA PRÁTICA EDUCACIONAL

Uma revista para potencializar experiências.



S237m Santos, Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos, 1989-
Museus na prática educacional [recurso eletrônico] : uma
revista para potencializar experiências / Jonathan Philippe
Fernandes Barboza dos Santos e Adriana Mortara Almeida. --
Belo Horizonte, [2026].
34 p. : il., color.

ISBN: 978-85-8007-148-1.

Bibliografia: p. 34.

1. Educação. 2. Museus e escolas. 3. Museus -- Aspectos
educacionais. 4. Ensino visual. 5. Aprendizagem por atividades.
6. Educação não formal.

I. Título. II. Almeida, Adriana Mortara, 1962-.
III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Educação.

CDD- 371.38

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFGM (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

Ficha Técnica

Projeto Gráfico

Lucas Saraiva Sauer

Orientação do Projeto

Adriana Mortara Almeida

Texto

Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos Santos
Adriana Mortara Almeida

Autores Convidados

Priscila Gabriele Martins
Wellington Luiz Silva

Parceria

Mestrado Profissional
Faculdade de Educação - Promestre
Espaço do Conhecimento UFMG

Agradecimentos

Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Minas Gerais, Prof^a. Dr^a Adriana Mortara, Espaço do
Conhecimento UFMG, Wellington Luiz, Priscila Martins, Espaço do
Conhecimento UFMG

APRE SEN TACÃO



*“A experiência é o que nos
passa, o que nos acontece,
o que nos toca.”*

Jorge Larrosa Bondía



Museus na prática educacional: uma revista para potencializar experiências nasce do desejo de fortalecer os vínculos entre museus e escolas, reconhecendo esses espaços como territórios potentes de aprendizagem, diálogo e construção coletiva de conhecimento.

Esta revista foi concebida como parte do mestrado profissional em Educação e Docência, na linha de Educação em Museus, Divulgação Científica e Design, e buscou a partir das experiências vivenciadas no Espaço do Conhecimento UFMG, especialmente no que se refere aos processos de acolhimento e organização das visitas escolares, refletir sobre a prática. Assim, o material busca inspirar educadores de museus e professores da educação básica a ampliarem as possibilidades pedagógicas das visitas a espaços culturais.

Mais do que uma revista, esta publicação propõe-se a ser um espaço de socialização de experiências e perspectivas diversas. A revista busca construir um panorama plural sobre os sentidos e desafios da educação museal em diálogo com a escola.

A partir de relatos produzidos a partir de entrevistas realizadas entre outubro e dezembro de 2025, revelam-se vivências,

dificuldades, expectativas e estratégias mobilizadas por professores antes, durante e após as visitas. Essas narrativas evidenciam que a experiência no museu não se limita ao momento da saída escolar, mas se constitui como parte de um processo pedagógico mais amplo, que envolve planejamento, mediação e desdobramentos em sala de aula.

Ao optar por esse formato pretendemos que o material circule com agilidade entre educadores, seja em dispositivos móveis, computadores ou em versão impressa. O suporte revista também foi escolhido por sua flexibilidade, permitindo a articulação entre diferentes gêneros textuais e a construção de um espaço heterogêneo de reflexão e produção de sentidos.

Esperamos que esta revista contribua para fortalecer pontes entre museu e escola, reconhecendo suas especificidades, mas também suas múltiplas possibilidades de encontro. Que este material inspire novas práticas, fomente diálogos e incentive experiências educativas cada vez mais significativas nos espaços culturais.

Boa leitura!

SU MÁ RIO

1. Bastidores da Experiência: Organização e Acolhimento

6

2. Conceitos-chave

- Educação Museal ←
- Educação Formal ←
- Educação Não Formal ←
- Educação Informal ←
- Mediação ←
- Acessibilidade ←

9

3. Experiência para além da teoria

12

4. Editorial

- A importância da ←
experiência corporal das
crianças no museus, por
Priscila Martins
- A importância da relação ←
entre museu escola:
pontes e diferenças, por
Wellington Luiz

14

5. Museus na Prática: Relatos de Professores

20

6. Indicações de conteúdo

31

7. Referências

33

SEÇÃO 1



Bastidores da Experiência:
Organização e Acolhimento

Você professora e professor, que já agendou uma visita a um espaço cultural, ou a um museu, sabia que sua visita se inicia antes mesmo de vocês irem até o local?

Muitos museus se estruturam com um núcleo educativo, para apoiarem as práticas educativas relacionadas aos recebimentos de grupos agendados e espontâneos, aqueles que chegam sem o agendamento prévio, e também aos visitantes individuais ou em grupos pequenos.

A visita mediada, consiste em três momentos, o pré-visita, a visita, e o pós-visita.

Nesta seção iremos contar um pouco para vocês sobre como o Espaço do Conhecimento UFMG se estrutura para recebê-los.

VOCÊ SABIA?

Todos os mediadores são alunos de diferentes cursos de graduação da Universidade. Eles são bolsistas de uma ação de extensão, e são formados continuamente pela equipe do Espaço!

A visita se inicia antes mesmo dos grupos chegarem ao museu, professoras e professores, já começam a se programar antes mesmo da visita ser efetivada, conhecendo o museu via site, por indicação de colegas de trabalho e por materiais vinculados em grupos de whatsapp e por newsletter enviadas pelos museus.

VOCÊ SABIA?

O Espaço do Conhecimento UFMG possui um canal de transmissão no aplicativo Whatsapp, em que mantém um contato direto com professores que queiram saber mais informações sobre o museu e seu processo de agendamento:

O Espaço do Conhecimento UFMG, realiza formações semestrais com seus mediadores, trazendo professores universitários, curadores das exposições e profissionais da área da saúde e de acessibilidade para ajudarem na discussão e na elaboração de práticas que dialoguem com a escola, com o museu e torne a visita mais dinâmica. Questões como abordar um tema complexo com grupos da Educação Infantil, quais temas podem ser mais trabalhados com qual faixa etária, técnicas de abordagem de grupos e também de acolhimento, tudo isso acontece, em períodos programados pelo Núcleo de Ações Educativas para que o seu grupo seja bem recebido.

O processo de agendamento neste local, ocorre em duas etapas, uma é a inscrição via formulário no site, e a segunda um sorteio público com todos os inscritos, de cada turno, gerando assim uma lista dos contemplados e outra lista de espera, que é acionada quando algum grupo selecionado cancela a visita.

VOCÊ SABIA?

O preenchimento deste formulário de inscrição é o principal material para que o Núcleo de ações educativas consiga programar a sua visita? Então quando for respondê-lo, responda de forma calma e se atente a veracidade dos dados. São dados como a faixa etária, pessoas com deficiência no grupo, projeto pedagógico associado a visita, que farão com o que os mediadores programem uma visita que acolha e incentive e aproxime os alunos com o intuito de fazerem que eles vejam o museu como um lugar de aprendizado e diversão e retornarem com a família ao Espaço.

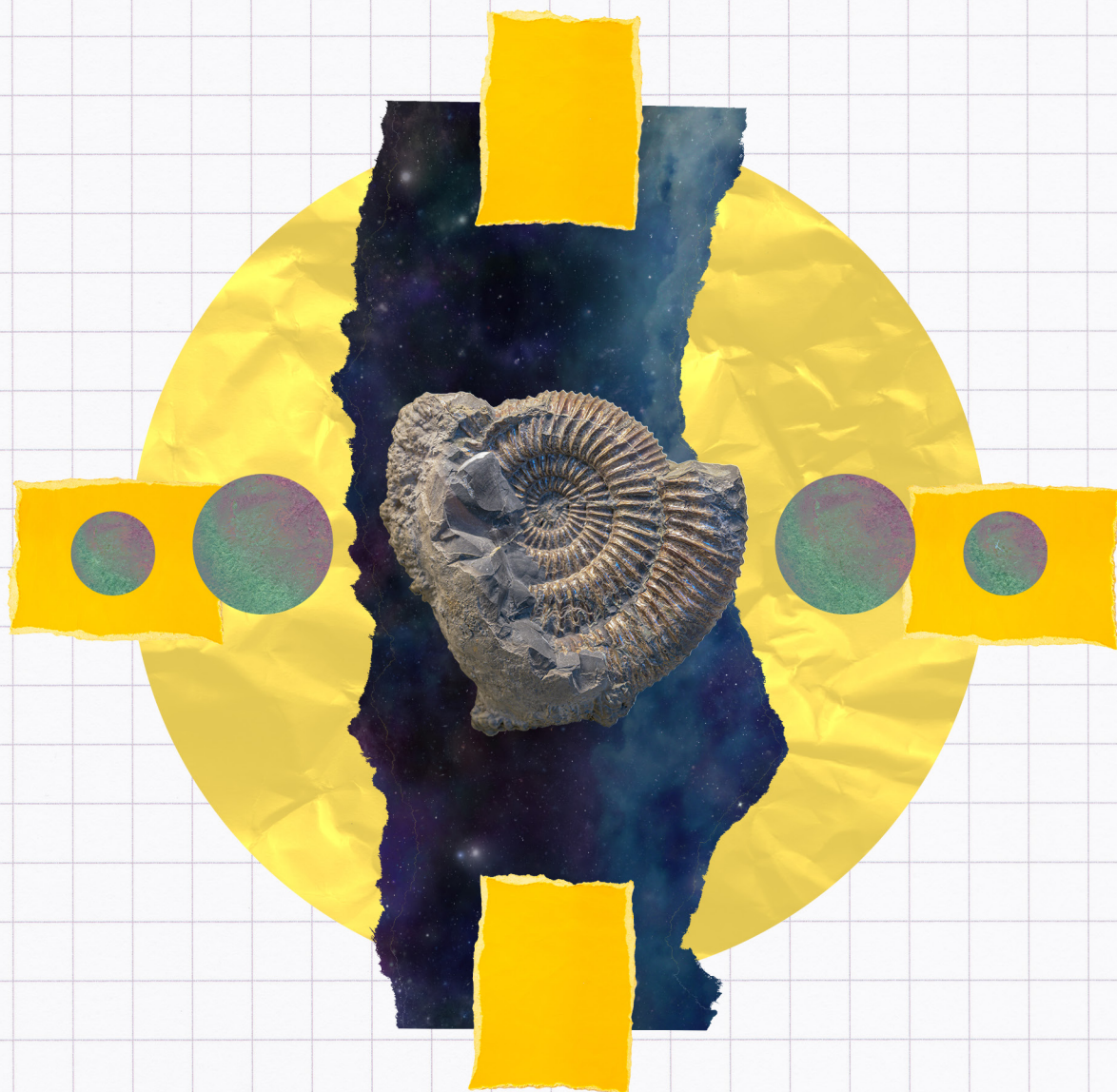
Durante sua visita ao Espaço os mediadores estão atentos a todo e qualquer imprevisto! Caso seu grupo atrase, temos repertório para comprimir a visita, para que os alunos não tenham perdas significativas na experiência ao museu. Por isso é importante ter um canal de comunicação com o museu, para que se algo acontecer antes da chegada ao grupo, vocês nos avisem para que possamos reprogramar os roteiros! Você e o museu são parceiros e todos querem que os alunos tenham uma boa experiência naquele momento!

Ao chegar no museu, vocês serão recepcionados e conhecerão nossa equipe, nossos mediadores são instruídos a falarem seus nomes e os seus cursos e ainda mais, falar sobre a Universidade Federal de Minas Gerais, mostrando a possibilidade dos alunos principalmente de escola pública nela, podendo escolher dentre os mais variados cursos.

Nossos mediadores também, para além das visitas, estão abertos a tirarem dúvidas sobre o ingresso na universidade ou sobre algum curso que eles fazem lá com os alunos!

A vantagem desse contato para além do conteúdo da exposição, é a possibilidade dos alunos reconhecerem e conhecerem contextos socioeconômicos parecidos aos seus e diferentes possibilidades de inserção no mundo acadêmico também. Reconhecendo um mediador que veio de um bairro próximo ao seu, ou estudou na mesma escola que eles, gera um reconhecimento que contribui para a fruição da mediação e também pode incentivar esse aluno a buscar outras formas de se inserir no mercado de trabalho. Portanto, a visita ao museu não se restringe apenas às exposições! Queremos também conhecer os alunos e que eles contribuam para que a mediação seja mais dialogada e construamos conhecimentos durante todo o tempo que passarmos juntos!

SEÇÃO 2



Conceitos-Chave

Nessa seção busca-se em apoiar-se teoricamente na
Política Nacional de Educação Museal (PNEM)

1. EDUCAÇÃO MUSEAL

A Educação Museal envolve uma série de aspectos singulares que incluem: os conteúdos e as metodologias próprios; a aprendizagem; a experimentação; a promoção de estímulos e da motivação intrínseca a partir do contato direto com o patrimônio musealizado, o reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos

visitantes e das maneiras de ser e estar no museu; a produção, a difusão e o compartilhamento de conhecimentos específicos relacionados aos diferentes acervos e processos museais; a educação pelos objetos musealizados; o estímulo à apropriação da cultura produzida historicamente, ao sentimento de pertencimento e ao senso de preservação e criação da memória individual e coletiva. É, portanto, uma ação consciente dos educadores, voltada para diferentes públicos. (COSTA; CASTRO; CHIOVATTO; SOARES, 2017, p. 74)

2. EDUCAÇÃO FORMAL

A Educação Formal é um sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional. (MARANDINO, 2017, p. 78)

3. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

A Educação Não Formal é qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem. (MARANDINO, 2017, p. 78)

4. EDUCAÇÃO INFORMAL

A Educação Informal é o verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – da família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa. (MARANDINO, 2017, p. 78)

5. MEDIAÇÃO

Embora não haja uma única definição possível, compreender a mediação como ação implica voltar-se ao conceito que o coloca “entre” outros na busca de uma maior aproximação com os objetos e as manifestações artísticas. Não basta o acesso tendo em vista a socialização da arte. Não bastam apenas informações gerais. Levar em conta as diferentes necessidades do público com o oferecimento

de diversos meios – como catálogos, materiais educativos, audioguias, jogos para a família, dispositivos específicos para grupos de surdos ou cegos, formação para aos educadores etc. – é importante e tem por objetivo facilitar o acesso e democratizar as culturas. (MARTINS, 2017, p. 85)

6. ACESSIBILIDADE

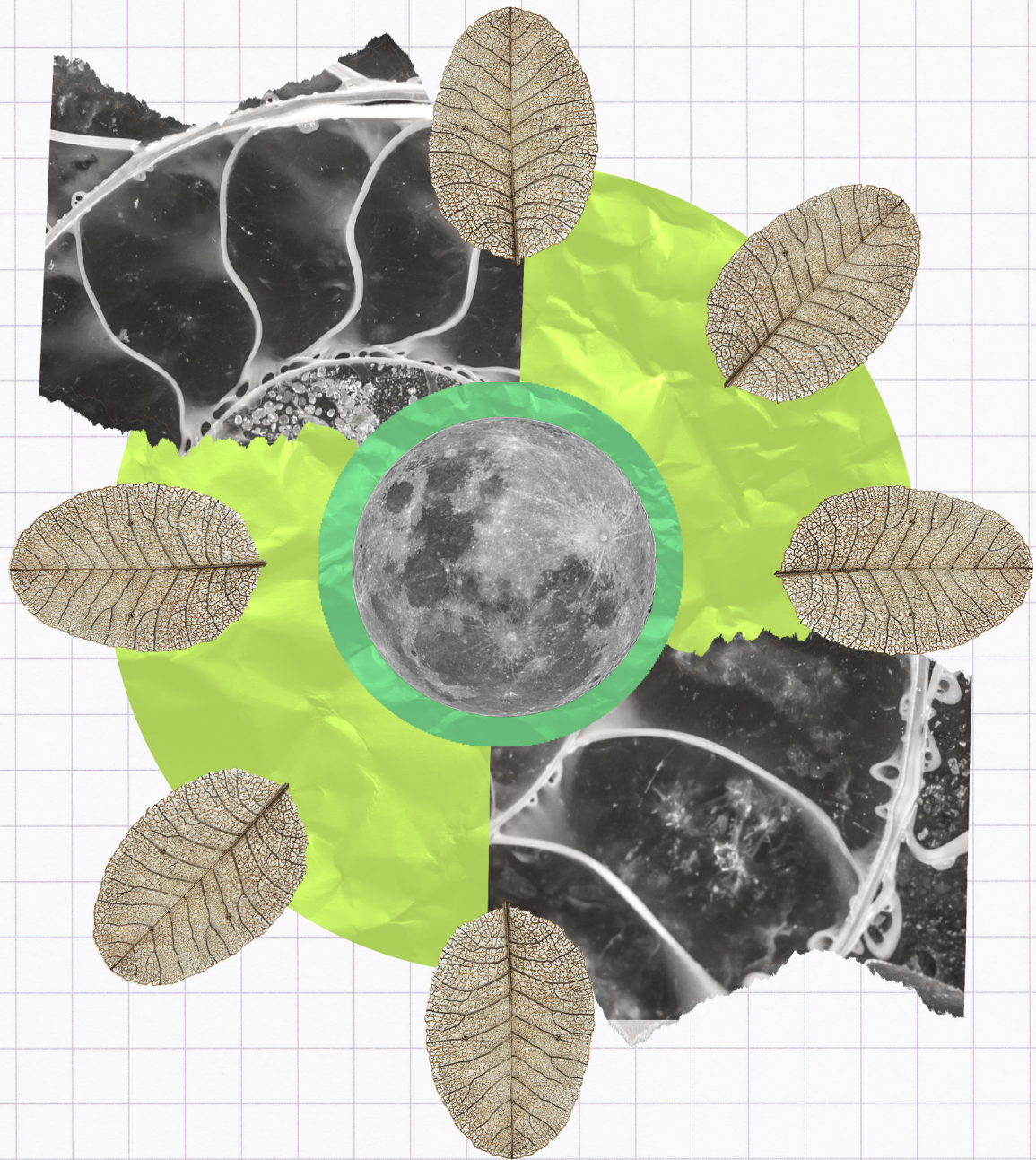
Acessibilidade é “possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos” (ABNT, 2004). Apesar da abrangente legislação, um esforço maior por parte da sociedade seria necessário para promover a acessibilidade universal em todos os seus aspectos. Museus, centros culturais e espaços educativos, quando acessíveis, devem proporcionar a comunicação para todos os seus usuários, permitindo que cada um possa usar seus próprios sentidos de maneira independente. A igualdade de condições para usufruir do espaço e do que está sendo apresentado e exposto é uma necessidade primordial. O contrário seria uma indesejada exclusão social. PORTELLA, 2017, p. 59)

Caso você ainda não conheça O Caderno da Política Nacional de Educação Museal, você pode acessá-la neste link: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>

ou no QR CODE:



SEÇÃO 3



Experiência para além da teoria

É importante se pensar o museu para além de um apoio ao livro didático ou as disciplinas da escola. O museu é mais que isso! Norteados pela Política Nacional de Educação Museal (PNEM) que busca fortalecer as práticas educacionais nesses espaços, os museus propõem, a partir das experiências subjetivas de cada um, expandir os conhecimentos que podem ser construídos durante uma visita.

Para além dos conteúdos das exposições, o museu estabelece novas relações do aluno com o mundo. “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência.” (LARROSA, 2002, p. 21).

Quem não se lembra da primeira excursão? Mas talvez pouco se lembre do conteúdo da exposição que viu. Como da primeira vez que saímos do nosso próprio bairro para realizar um piquenique na praça que ficava em frente ao museu? São momentos que podem parecer efêmeros, que geram aproximação do aluno com a própria cidade e expandem seu lugar no mundo e as possibilidades de interações com diferentes contextos.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.
(LARROSA, 2002, p. 21)

Vale lembrar que não podemos apenas focar a visita nos conteúdos e ignorar as experiências potentes que possam vir daquele momento e que muitas vezes ajudam na construção do conhecimento, portanto é preciso considerar a experiência e a parte teórica juntas, para que se construa uma a visita leve e educativa da qual se leve o conhecimento construído a partir dela.

“Em outros termos, o museu e as suas exposições envolvem interações afetivas, sensoriais e cognitivas. Por isso, o museu deve ser um ambiente de risadas, indagações, descobertas, entusiasmo, silêncios, surpresas, encanto e desencanto.”(ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG, 2020).

Prepare sua visita, seu projeto, mas venha também aberta ao imprevisto, ao novo e às mil possibilidades que uma visita a um museu pode proporcionar para os alunos, para os professores e também para os mediadores!

SEÇÃO 4



Editorial

Para discutir algumas práticas importantes, abrimos espaço para refletir sobre dois temas que se entrelaçam no campo da educação contemporânea: a importância da experiência corporal das crianças nos museus e a potência da relação entre museu e escola. Para enriquecer essa discussão, contamos com a contribuição de Priscila, formada em teatro e educadora museal, e de Wellington, mestre em educação e docência, e atualmente doutorando do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG e também educador museal.

Ao considerar o museu como um espaço que mobiliza o corpo, os sentidos e a curiosidade, ampliamos a compreensão de aprendizagem para além dos limites da sala de aula. Ao mesmo tempo, ao discutir as aproximações e especificidades entre essas duas instituições, buscamos evidenciar, com a perspectiva de nossos convidados, como o diálogo respeitoso entre projetos, tempos e linguagens pode fortalecer experiências educativas mais integradas, significativas e transformadoras para as crianças.



A importância da experiência corporal das crianças no museus

Priscila Gabriele Martins Silva, Atriz e Educadora de museus, com Licenciatura em Teatro na ESCOLA DE/BELAS ARTES (EBA-UFGM)

“Conhecer é sempre reencontrar, através do corpo, um contato com o mundo.”
Maurice Merleau-Ponty.

Mais do que um processo cognitivo, aprender na infância é uma experiência vivida com o corpo inteiro. O corpo e o movimento não são apenas formas de expressão da criança, mas também caminhos que dão origem à construção do conhecimento. Desde muito cedo, a criança demonstra maior disponibilidade para correr, brincar, explorar e se movimentar, pois seu corpo é naturalmente orientado à descoberta e à experimentação.

O conhecimento do mundo se faz de forma intersubjetiva, levando ao entendimento de que a corporeidade expressa e dá significado aos sentidos primordiais da existência humana. Nesse contexto, o mundo vivido pela criança corresponde diretamente às suas apreensões corporais, ou seja, o corpo constrói e integra a realidade e o imaginário por meio das experiências por ele vividas (MENDONÇA, 2010, p. 63).¹

É por meio dessas ações que ela investiga, testa, cria e também aprende. No contexto do museu, a forma como a criança se relaciona corporalmente com as obras, as instalações, os espaços de circulação, os acordos e combinados contribui para a ampliação das possibilidades de aprendizagem. Em termos do aprendizado pedagógico dos mediadores, é fundamental olharmos para o corpo da criança como um potente criador de significados. Como diz Mendonça (2010, p. 72), “o corpo-criança dilata-se entre a compreensão física e a absorção sensível do objeto. O real constitui-se da vivência pessoal, da percepção e apreensão do outro e das coisas”.

Desse modo, aprender pelos sentidos tem contribuído para que mediadores repensem suas formas de ensinar também por meio deles. De minha parte, aprendi que meu corpo influencia no modo como ensino, e minhas vivências contribuem para a elaboração de minhas práticas. Essas percepções são importantes dispositivos para refletir sobre a influência do corpo em nosso trabalho como educadores no museu.

¹PALHARES, Juliana Mendonça de Castro. *Corpo-território: um testemunho poético sobre o corpo-criança, a partir do contato com objetos e materiais expressivos, no ensino de Artes Visuais na Educação Infantil*. 2015. 248 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, 2015.

Ao ativar o corpo e os sentidos, o museu passa a aprofundar-se como um espaço de vivência, relações e produção de sentidos, para além de lugar de contemplação e compreensão de conteúdos. É a partir dessa experiência corporal e sensorial que alunos, professores e educadores de museus podem estabelecer uma relação mais próxima, sensível e significativa com o museu. Afinal, é permitido no museu: Emoção, imaginação e sentidos!



Atravessamentos entre museus e escolas

Wellington Luiz Silva

Assessor do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade do Espaço do Conhecimento UFMG

Mestre em Educação Museal e Divulgação Científica (PROMESTRE-FaE UFMG)

Doutorando em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE-FaE/UFMG)

Museus e escolas são por natureza espaços educativos, apesar dessa dimensão em comum, possuem objetivos diferentes. Em função disso podem e devem estabelecer diálogos, nesse processo estabelecem proximidades, distanciamentos, compartilhamentos e tensões como em todas as relações. Mas, há também a ampliação de sentidos, de ideias e de conteúdos.

Em um contexto como o brasileiro de desigualdades sociais, em especial a de acesso à cultura, a escola é a impulsora da aproximação de milhares de crianças, jovens e adultos com o universo dos museus, em especial pessoas advindas das instituições de ensino público.

Nesse sentido, as educadoras e os educadores que promovem as oportunidades de visitas para seus estudantes, além de atuarem na formação curricular, auxiliam na possibilidade de ampliação de experiências e do contato com outras formas de saber, modos de viver e maneiras de expressão, bem como contribuem na garantia de um direito social. Assim, museus e escolas podem construir parcerias para um processo de formação amplo dos sujeitos, para além de conteúdos disciplinares, uma ação formativa para produzir predisposições a se relacionar com os conhecimentos de maneira prazerosa, alimentar o desejo para

aprendizagens por livre escolha e a abertura para um olhar sensível ao cotidiano.

Para tal, é importante, ao planejar a visita, que o (a) organizador(a) também amplie a sua própria visão sobre esse momento e entenda que há diversas dimensões envolvidas e grande parte para além da vivência pedagógica. Está envolvido nesse processo a animação dos estudantes em andar de ônibus com os amigos da escola, a expectativa do lanche e de conhecer partes da cidade pela primeira vez; soma-se a isso o encantamento com o prédio desses espaços, com as obras artísticas e objetos expostos. Os dados e informações apresentados nas exposições são importantes, mas precisam estar articulados com essas outras dimensões e emoções e, para isso, os setores educativos dos museus e espaços culturais podem auxiliar nesse processo. O educador museal também precisa estar aberto às contribuições que esses sujeitos levam para o museu, no sentido de se colocar disponível a escutar as suas visões sobre os assuntos expostos e assim, por meio do diálogo, eles possam avançar na construção dos olhares sobre esses conteúdos e obras.

Os desdobramentos da vivência da visita e o que ela gera são diversos. Nesses anos de atuação, já vi visitantes que, a partir do

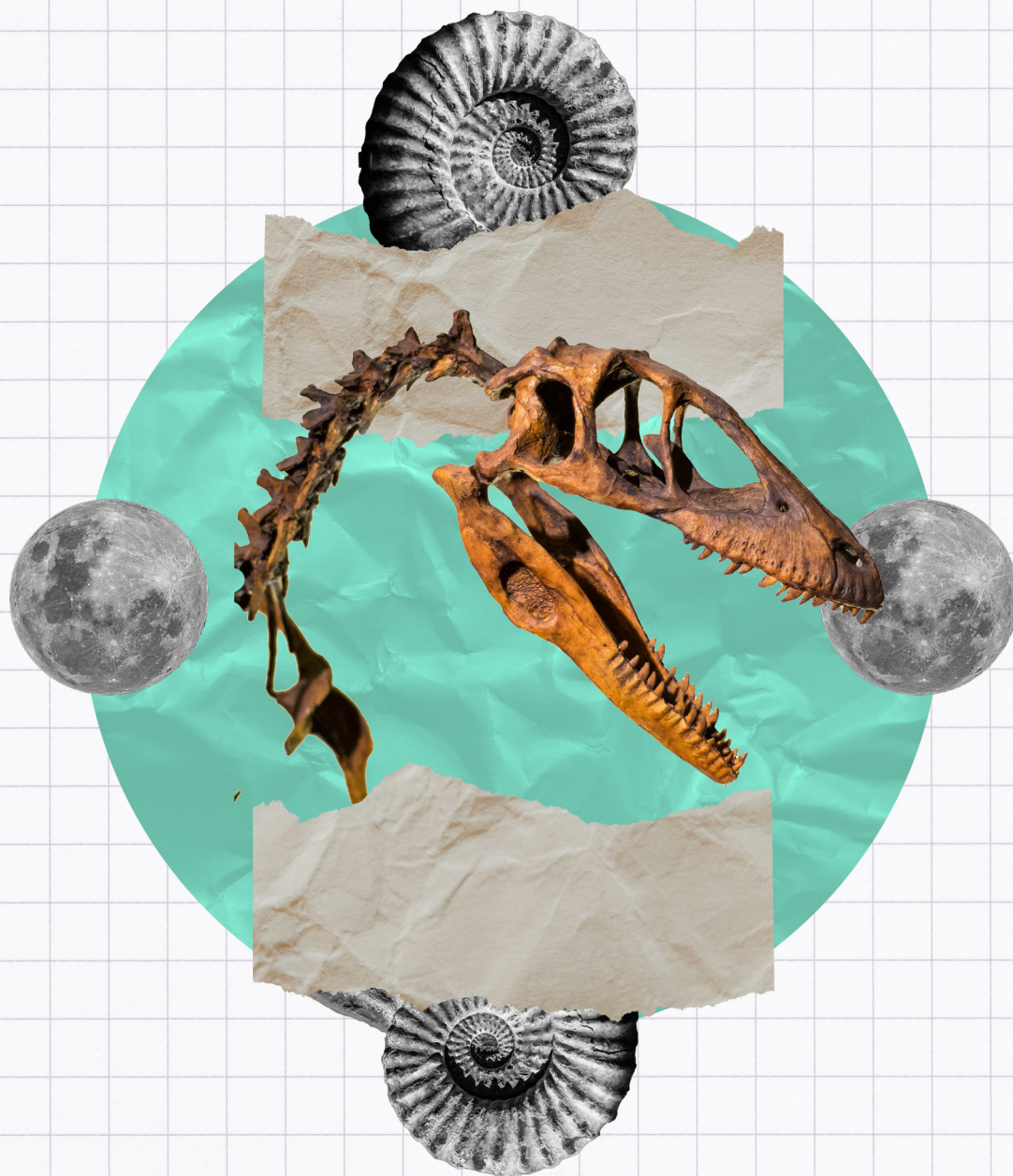
primeiro contato com a escola, retornam ao museu com os seus familiares; estudantes silenciosos ou aparentemente desinteressados se abrem como pessoas falantes e conhecedoras de vários assuntos, surpreendendo os professores acompanhantes. Presenciei discentes se encantarem pelo universo do museu e após anos retornarem para trabalhar nessas instituições. Junto a isso, diversos materiais e trabalhos desenvolvidos no pós-visita expostos na escola, ou em formato de textos, vídeos entre outros.

O autor Jorge Larrosa Bondía escreveu a seguinte frase: “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”². Assim, desejo que esse material inspire você a se jogar nesse desconhecido com os estudantes e vivenciarem espaços culturais da melhor maneira possível.



²disponível na referência: BONDÍA, J. L.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan. 2002.

SEÇÃO 5



Museus na Prática
Relatos de Professores

Fala, Professora(a) !

Olá, Professora e Professor! Tenho certeza que você ao se programar para uma atividade fora de sala de aula, se perguntou se realmente valia a pena ter marcado aquela visita ao museu com aquela turma que muitas vezes é agitada ou, se um dia, você pensou em selecionar apenas os bons alunos para realizarem essas visitas.

Nessa seção iremos compartilhar alguns relatos de professores dos cinco níveis de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos). São experiências que deram muito certo, maneiras de planejar a visita que podem ser referências para você que muitas vezes se pergunta como organizar uma visita, e algumas inspirações para atividades após a visita aos espaços culturais da cidade.

Vamos lá?!

Foram entrevistados cinco professores, que vocês poderão conhecer um pouquinho da trajetória e da experiência de cada um deles, para que assim vocês possam se inspirar a realizar visitas e a contornar possíveis contratempos.

O que esses professores têm em comum é que eles vêm a potência educacional que os museus têm, e também a potência na vida dos alunos de conhecerem um novo mundo e de vivenciarem a sua cidade e conhecerem outros lugares, ampliando seu repertório cultural, e suas experiências.



Tulipa

Leciona há **23 anos**, e atualmente trabalha com o **Fundamental I**



Rosa

Leciona há **2 anos** e atualmente trabalha para a **Educação Infantil**



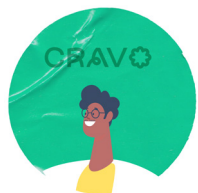
Petúnia

Leciona há **7 anos** e atualmente trabalha com **Fundamental II**



Orquídea

Leciona há **6 anos** e atualmente trabalha com a **Educação de Jovens e Adultos**



Cravo

Leciona há **6 anos** e atualmente trabalha com o **Ensino Médio**.

O que o museu significa para você?

- Pertencimento da cultura
- Diversificado
- Ambiente rico em contextos
- Um espaço que deve receber as crianças
- Espaço educativo
- Ampliar o horizonte da pessoa
- Espaço de cultura
- Um lugar de aprendizado
- Expande o olhar para os conhecimentos gerais

1.

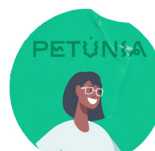
Os professores foram perguntados sobre como eles costumam se preparar para as visitas e alguns ainda falaram como costumam se preparar junto com seus alunos!

**Tulipa (Fundamental I)**

Eu mostro o espaço que a gente vai frequentar. Eu trabalho a história desse museu com eles. Eu faço tudo antes! Mostro antes e depois o que era museu e o que é hoje. qual o museu que a gente vai, onde está localizado. Então, quando eles chegam, eles já têm uma ideia do que eles vão ver.

**Rosa (Educação Infantil)**

com as crianças, eu conversei com eles. Falei um pouquinho do lugar. Mas não muita coisa que eu queria que eles vissem mesmo. É bom o fator surpresa, né? Chegar lá e ver como que eles vão... se comportar.

**Petúnia (Fundamental II)**

Quando é um lugar que eu não conheço, eu pesquiso no site, vou pesquisar, às vezes, entrar em contato com alguma rede social do museu para ver qual é a disponibilidade. E aí eu fui antes e tal, e puxei alguma coisa pra ler sobre, pra conseguir escrever o projeto e tal. E aí, normalmente, é isso. Normalmente, eu vou em museus que eu conheço.

**Orquídea (EJA)**

Mas em geral eu tento, tipo, conhecer, acho que o básico, conhecer a exposição primeiro, é, saber minimamente a descrição, né? Se eu não conheço a exposição pessoalmente, mas ler ali a descrição e tal e tentar linkar com a minha aula e se não tiver a possibilidade, né, é tentar atrair de alguma forma a atenção dos meninos para algo que vai ter nessa excursão.

2.

Quando perguntados qual a percepção deles e dos seus alunos com o Espaço do Conhecimento UFMG e suas experiências. Eles nos contaram das experiências no Espaço que perpassam em lugares de lazer, de trabalho e também de conhecerem o Espaço previamente via visita escolar enquanto ainda estudavam!

**Tulipa (Fundamental I)**

Pois é, lá eles gostam muito, os pequenininhos, que tem aquela parte dos dinossauros, da história que eles ficam assistindo, eles gostam também do filme que passa, né? Eu acho que são experiências que eles não esquecem (...) Levo muito minhas netas lá também. Ah, eles gostaram muito. Eles amam dinossauro. Então, tudo que é da pré-história, eles gostam muito. O filme, nós assistimos não sei quantas vezes. Porque ele fica passando, né?

**Rosa (Educação Infantil)**

(...) eu já fui no Museu do Espaço de Conhecimento da UFMG como aluna. Como aluna da graduação e também como aluna da educação básica.

**Petúnia (Fundamental II)**

Eu trabalhava na mediação e eu via o quanto a mediação era um espaço muito importante para as pessoas que iam no museu. Normalmente, acho que não era uma coisa que eu tinha tanta noção. Então, ali eu consegui entender o quanto a mediação cria um lugar para ampliar mesmo aquela exposição e trazer a exposição um pouco mais para perto dos alunos, para perto dos estudantes. E aí, então, eu sempre achei muito legal esse espaço.

3.

Ao serem perguntados sobre a expectativa em relação aos mediadores do museu, muitos professores enfatizam o protagonismo dos mediadores e a importância do professor também participar da visita.

**Tulipa (Fundamental I)**

Eu acho que o papel do mediador é fundamental, principalmente porque ele tem uma visão diferente da do professor. Ele tem mais conhecimento, muito mais, ele tem a

vivência lá. Então, eu oriento meus meninos a gente prestar atenção no que eles vão falar. Entendeu?’

**Rosa (Educação Infantil)**

Então, eu acho que é um trabalho conjunto. Quando a gente escolhe um museu, né, a gente já vai com uma intenção. Então, tudo parte da intencionalidade pedagógica. Então, eu acho assim, que eles conhecem mais do que eu, e assim como os meus alunos, eu quero explorar tudo que eles me apresentaram. Mas também eu não vou chegar num lugar crua, de saber de nada que se trata. Então, eu acredito que nós, professores, devemos deixar o trabalho deles, mas também integrar com o que a gente achar necessário, sabe? Fazer perguntas, que às vezes, assim, pode dar algum rol para os alunos também

**Petúnia (Fundamental II)**

O mediador tem um papel fundamental. Como eu falei, eu fui mediadora, então eu valorizo muito esse lugar. Eu acho que numa visita a um museu, eu não quero ser protagonista da visita. Eu quero estar ali, apoiando, mas eu acho muito legal quando os alunos têm contato com uma outra visão também, que não é a minha. Então, para mim, é muito legal quando eu consigo ver que o mediador tem um preparo para conseguir, de fato, comandar aquela visita de uma forma muito dialógica, de conseguir estabelecer um diálogo bem horizontal com os alunos. Acho também que eu não vejo essa obrigação de o mediador ter que

esgotar toda a exposição, todo o espaço. Até porque eu acho que isso é inviável, dependendo do lugar.

4.

Quando perguntados sobre o tipo de atividade realizam depois da visita, os professores contaram um pouco das suas experiências e projetos na escolas



Tulipa (Fundamental I)

Quando já aconteceu de eu estar trabalhando português e levar os meninos, eu abro um parênteses e a gente trabalha, a gente faz uma comparação, sabe? O que a gente achou que era, o que eles aprenderam, peço produção de texto... teve um ano que a Feira de Cultura, nós conseguimos levar os meninos, estava tendo o Circuito de museus, e eles fizeram produção de textos sobre o museu, fizeram até maquete. Foi legal. Então, dá para levar, eu acho que dá para levar para quase todas as matérias.



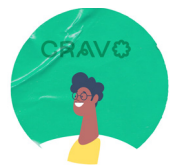
Petúnia (Fundamental II)

Sempre a atividade está dentro de um projeto, então eu acho importante que existam como atividade de síntese, assim. E essa... E eu gosto de conversar com eles mesmos, assim, pra entender o que eles acharam, pra ver as impressões, pra entender também o que foi de estranhamento, o que foi de eles entenderem que eles querem, sei lá, que eles não gostaram



Orquídea (EJA)

Fiz um vídeo deles no final, deu trabalho, né, que eu fui atrás de um por um para pegar assinatura de autorização de uso de imagem e tal. Beleza, deu trabalho, mas foi ótimo porque como o professor de geografia que liderou assim os objetivos, a questão da localização, de circular em espaço público e tal e eu me voltei mais para para andar no museu, eu quis fazer algo que eles até mesmo postassem depois se eles quisessem, né? É tipo para para valorizar assim, sobre a experiência que você teve. E aí esse dia foi muito legal porque até mesmo quem não foi na excursão, mas que viu o vídeo teve algo a dizer. Até mesmo de inveja, tipo, ah, deveria ter ido, né? Mas eu tento sempre fazer isso, tipo o pós, fazer uma reflexão, às vezes visualizar fotos, às vezes.



Cravo (Ensino Médio)

Tinha um projeto de feira de ciências. No projeto da feira de ciências, os próprios alunos, na hora de decorar a sala, falaram assim, “ah, eu tô me inspirando em tal sala do Inhotim”. Então, teve duas turmas que tiveram essa maturidade. Então, assim, achei muito bom. Porque, assim, por mais que eu não consegui fazer ativamente, automaticamente eles fizeram. Aí tem uma turma que fez, como se fosse um avatar de Pandora, sabe? Fez uma árvore no meio da sala, tal. Eu ajudei eles a montar a árvore. Outra sala fez tudo vermelho. Falou, “ah, tô inspirando na sala vermelha do Inhotim...”

Então, assim, achei muito legal, assim, automaticamente eles tiveram essa maturidade, consegui trazer para um outro projeto. Então, assim, a arte acabou interferindo ali em vários, em vários projetos.

5.

Os professores ao serem convidados a refletirem sobre o que eles acreditam que os museus representam para os seus alunos, perpassam por questões como ganho educacional e pessoal.



Tulipa (Fundamental I)

Eu acho que é conhecimento, é um ganho de conhecimento. E para o Fundamental II, eu acho que é pertencimento, apropriação do espaço, valorização deles, pessoal, de saber que eles também têm oportunidade de conhecer esses espaços. A gente está lidando com uma parcela carente da população. Sim, que normalmente não seriam bem-vindos ali. São pessoas negras, pobres. Quando eles vão com a escola, eles são recebidos como pessoas, está sendo esperado ali. E depois eles conseguem voltar.

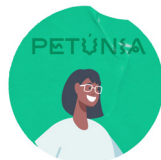


Rosa (Educação Infantil)

Então, eu acho que para esses alunos que eu levei esse ano, no momento, eu acho que foi mais um momento de diversão.

Eu acho que é um ambiente muito rico para as crianças, muito rico, muito estimulante, ótimo para o capital cultural delas. Então,

assim, acho que é um eco muito grande para ser algo só isolado, para ser algo só num dia.



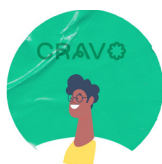
Petúnia (Fundamental II)

Eu acho que, para eles, o museu tem muito disso, de ter acesso a uma coisa nova, ter acesso a um novo. E eu acho que também representa muito essa coisa de eles poderem conhecer a cidade que eles moram. Eu acho muito legal quando o museu consegue até fazer essa relação mesmo, quando existe isso dentro da própria proposta do museu. Eu já vi em vários museus que eu visitei que essa discussão estava sendo colocada no museu. E aí eu acho isso legal também. É... E aí eu acho que traz para eles muito essa ideia de, no museu, representar também uma possibilidade de eles entenderem que dá para aprender de formas muito diferentes.



Orquídea (EJA)

Então eu acho que é isso. Pros alunos da EJA, pelo menos da EJA que eu estou, eu sinto um afastamento e às vezes não é ok, tem é um afastamento provocado às vezes por questões históricas, por questões geográficas, distanciamento desses locais.

**Cravo (Ensino Médio)**

No médio é mais enjoado. Tem a parte ali que vai detestar o espaço de museu, porque ele ainda não entendeu que ele precisa aumentar o repertório cultural dele e que uma coisa não invalida a outra, porque na cabeça dele existem dois extremos. A bolha que eu existo, do que eu gosto, e a do que eu não gosto. Então, assim, em alguns jovens, né? Alguns jovens, então, assim, eles criam uma repulsa total ao diferente. Alguns alunos aí que estão mais conscientes desses espaços, é muito interessante. Eles rompem, eles ficam muito empolgados. “Ah, interessante, um espaço público.” Essa questão deles pensarem do que é público, do que é privado, já gera neles um estímulo maior, de procurar, de querer depois.’

6.

Ao serem convidados a contarem uma experiência de visita a museus com seus alunos avalia como muito positiva, trouxeram relativos de encantamento e de descobertas de novos mundos.

**Tulipa (Fundamental I)**

A experiência mais legal que eu vivi foi em Inhotim, porque eles falaram que eu estava na Disneylândia, porque eram meninos muito carentes, e eles ficaram encantados. Eu acho que o museu tem um encantamento, ele te transporta para aquilo que o autor está querendo passar. O seu lugar que você entra em silêncio, você analisa, trabalha isso com os meninos... A gente

tem um ganho depois em sala de aula muito grande, de concentração, de percepção, de interação. Porque quando a gente volta para a sala, a gente trabalha o que eles viram, o que eles sentiram, o que eles pensam. Porque muitas obras também, até a gente, enquanto adulto, você chega e não entende. Tem que parar.

**Rosa (Educação Infantil)**

No Museu dos Brinquedos, uma coisa que eu acho muito bacana é porque as pessoas que estavam lá, receberam bem as crianças e conseguiram conduzir o passeio de uma forma que elas incluíssem. Então, elas estavam preparadas para isso. Isso acho que é um ponto importante também, sabe? Então, a gente, como professor, não precisou, assim, guiar aquele momento. Elas foram, eles mesmos foram guiando. No Espaço do Conhecimento, quando eu fui também, foi assim. As pessoas vinham guiando a gente, explicando, isso acho bacana também.

**Petúnia (Fundamental II)**

No Espaço do Conhecimento mesmo, quando eu fui, os meninos amaram a coisa do planetário, eles acharam que aquilo era completamente diferente do que eles sabem do museu. Eles amaram porque os mediadores realmente, assim, conquistaram eles, então eles gostaram muito de estar, de poder conversar, de poder conhecer, de ser uma coisa acessível, que eles viram que eles conheciam as coisas, então isso pra mim foi muito legal, assim,

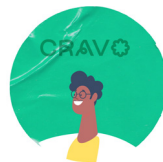
de ver que os meninos ficaram empolgados. Teve também uma experiência que eu achei que foi muito legal, que foi quando eu visitei o Muquifu com os alunos, porque eles não esperavam, quando eles viram a porta do museu, eles acharam que aquilo lá não era um museu. Aí depois eles entraram e viram que aquilo ali era uma igreja, e eles ficaram mais chocados ainda. Eles ficaram assim, professora, você está me trazendo para onde? E aí, ao longo da visita, eles amaram, ainda mais que lá tem toda uma proposta, né? E que acaba aproximando também muito do que eles se identificam e gostaram muito de ver que aquilo lá também pode ser um museu e de ser um lugar que é meio imprevisível para eles



Orquídea (EJA)

A que mais me pega é em 2024, no Museu de Artes e Ofícios, quando a gente levou os meninos lá mesmo, tem um corredor gigante que liga duas partes do museu, que tem os nomes de quem trabalhou. E aí os meninos passando, nossa, alguém perguntou quem são os nomes e tal, e era o oitavo ano, e aí no oitavo ano a gente vê a Revolução Industrial, enquanto a questão do trabalhador e tal. E aí eu dissertei aqui um tempão, falando naquele corredor, fazendo o link da importância de valorizar a mão de obra, da importância de reconhecer e perceber essa mão de obra e tal, mas não só de colocar o nome, mas de perceber de valorizar também no sentido financeiro, afinal de contas a gente precisa de dinheiro para viver e tal, enfim. Então deu para fazer bastante link, eu inclusive coloquei uma questão na prova, pedindo para avaliar criticamente isso, o que aquilo significava para o museu, o que aquilo significava para

os diferentes públicos que passariam ali e queriam fazer essa mesma pergunta, quem são essas pessoas e tal, enfim.



Cravo (Ensino Médio)

Acho que a melhor experiência que eu tive foi para a Inhotim. (...) Você cria um vínculo maior com os alunos, principalmente com aqueles que ali são considerados problemáticos, os alunos ali que são as pérolas que te dão trabalho. Eles conhecem um outro lado seu, porque lá você tá mais leve, lá você chama atenção muito pouco (...). Então eles te conhecem de uma outra forma, aí você acaba conhecendo um pouco da sua vida, você acaba conhecendo mais um pouco da vida deles. Você vê ali o deslumbre, né, que eles têm ali, um outro universo. Algo pra vocês ali já é muito simples. Você vê ali eles, assim... mega deslumbrado então assim é muito legal a experiência deles a reação que eles têm muitos nunca saíram de casa então assim pra eles a experiência é muito interessante eu não vou lembrar não vou lembrar um caso específico aqui não mas assim no geral todos eles são muito empolgados sabe nossa eles ficam assim loucos não.

7.

E quando perguntados sobre as dificuldades enfrentadas para visitar espaços culturais e museus, muitos relatos que passam desde a logística operacional, até a disciplina dos alunos foram levantadas.

**Tulipa (Fundamental I)**

O que dificulta é o professor. É você convencer o professor que aquilo vai ser um ganho para a aula dele. Então, fica muito restrito para o professor de história.

**Rosa (Educação Infantil)**

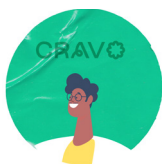
Os pais ainda não confiarem, tem aquela coisa aí. Então, alguns pais, eu falo assim, de uma turma de, na minha primeira turma, de 20 alunos, 3 não deixaram. E aí eles falaram, citaram, por exemplo, assim, ah, ainda não consigo deixar meu filho sair da escola. Ainda não consigo deixar meu filho pra uma excursão. E na educação infantil a gente vê muito isso ainda, né? Eu acho muito importante isso. Eu sou daquele tipo, eu acho que em passeios, tudo que pode levar a criança para fora da sala nessa faixa etária é muito importante. Porque, realmente, ficar dentro de sala é bom, mas sair, explorar o mundo lá fora, a criança precisa disso.'

**Petúnia (Fundamental II)**

A primeira é na própria escola. Porque muitas vezes a gente fica tão imerso nessa coisa de ter que cumprir um cronograma, que qualquer coisa que desvie esse cronograma da escola, às vezes cria um mal-estar entre os próprios professores. A segunda seria dificuldade de agendamento nos museus, que é uma dificuldade danada ter vaga. Eu fico lá tentando, tentando, tentando para ver se eu consigo. Tem uma dificuldade, eu acho, que é de organização da questão... do acesso, dessa organização mesmo de mais de circuitos, assim, que muitas vezes o calendário sai muito em cima da hora, então pra gente na escola a gente às vezes tem que se organizar de uma semana pra outra, pra conseguir se inscrever, enviar projeto e tal, e na escola é difícil conseguir fazer coisas assim. A gente precisa de um planejamento. Então, eu acho que essas são as dificuldades maiores, assim."

**Orquídea (EJA)**

A primeira é porque não tem abertura dos meninos para a gente fazer excursão. Isso é uma dificuldade porque, em geral, como eles trabalham, são mais velhos e tal, eles sempre falam que ou não dá ou que eles preferem que faça algo na escola. Além desse problema, dessa baixa aceitação de fazer algo fora da escola, o horário geralmente é o final de semana que a gente marca.

**Cravo (Ensino Médio)**

No meu caso, que eu sou contratado, né, eu sou designado, é muito relativo de escola pra escola. Tem um ponto comum que sempre bate, que é a questão do valor, né, valor de ônibus, é uma coisa que sempre vai ter em comum nas escolas. Mas eu confesso que a direção pra direção muda muito. Tem direção que é muito flexível de escola que você vai, você vai dando alternativa, proposta, projeto. Eles abraçam com uma facilidade muito grande. Eles pegam, aderem, ajudam.

8.

Quando pedimos sugestões sobre o que eles acham que pode melhorar na relação museu e escola e aproximar mais essas duas instituições, os professores indicam que os processos de agendamento de visitas devam ser mais claros e professores devem ser mais incentivados a realizarem mais visitas.

**Tulipa (Fundamental I)**

É tentar mudar mesmo a mentalidade das pessoas. Porque às vezes a pessoa tem preguiça de sair porque vai dar trabalho, o menino dá trabalho, mas chega lá e é um ganho tão grande. Seu trabalho até diminui quando você volta com esse aluno. Que aproxima, né? Você está fora do espaço da escola, isso aproxima muita gente do aluno. Aí cria uma conexão diferente, que vai te ajudar na disciplina, vai te ajudar na sala de aula, sabe? Ele fica mais íntimo, é mais fácil lidar com esse aluno.

**Petúnia (Fundamental II)**

Eu acho que a primeira coisa é essa coisa do agendamento. Tem alguns museus que a forma de agendar é muito complicada. Que... Até hoje tem museu que eu não consegui fazer, entender como é que é o agendamento. Então, acho que facilitar o agendamento mesmo seria importante. Ter algum tipo de parceria para facilitar conseguir ônibus, por exemplo. Esse tipo de coisa mesmo eu acho que facilita. Eu acho que tem uma coisa que eu já percebi em alguns museus também, que é uma questão do horário das visitas. O horário de início das visitas. Porque é isso, né? Minha escola está em Venda Nova. Dependendo de onde eu for, é uma hora e meia. Eu tenho que atravessar a cidade. O meu horário de aula começa uma hora da tarde. Os meninos não conseguem chegar muito antes disso. Então, se o museu agenda visita uma e meia, é inviável.

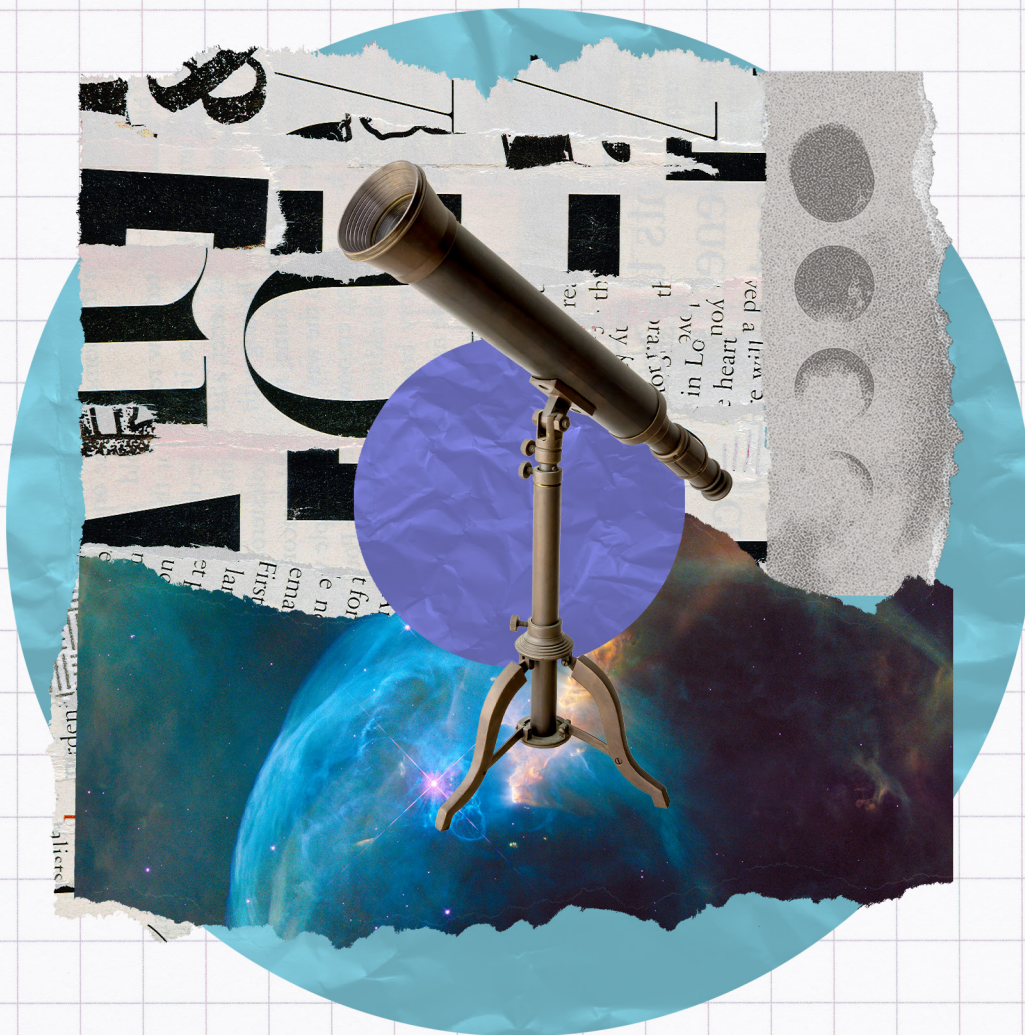
**Orquídea (EJA)**

Uma propaganda ampla, tipo cartaz nas escolas, tipo os museus vão na escola e vão pregar lá um cartaz, tipo, ah, professor, você quer trazer pra sua escola? Tem que fazer isso e isso e isso e assado, né? tipo, ah, tem uma a divulgação de alguma exposição nova, temporária e tal.

**Cravo (Ensino Médio)**

Pra mim, seria verba pública. Tinha que ter uma verba baseada em excursões, sabe? Assim, a escola receber uma verba de valor X. O que pesa mais é o ônibus. O que pesa mais é o transporte. Eu acho que o que mais pesa não é nem tirar os pés da sala de aula. Para mim, eu consigo enxergar só isso.

SEÇÃO 6



Indicações de conteúdo

O Espaço do Conhecimento UFMG, fez uma série de publicações em 3 volumes do Espaço Aberto a Educadores. São livretos com temáticas diversas de assuntos que são pertinentes para a sala de aula.

o 1º volume conta um pouco sobre a estruturação do museu e de como se preparam para receber os grupos agendados e está disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2025/08/Espaco-Aberto-a-Educadores.pdf>



No segundo volume, a partir de textos escritos para o Blog do Espaço do Conhecimento UFMG, pela equipe de Ações Educativas e Acessibilidade, o material discute sobre o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Você pode conferir o material clicando aqui: https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2025/08/Espaco-Aberto-a-Educadores-Ensino-de-Historia-e-Cultura-Afro-Brasileira-e-Indigena-1_compressed.pdf



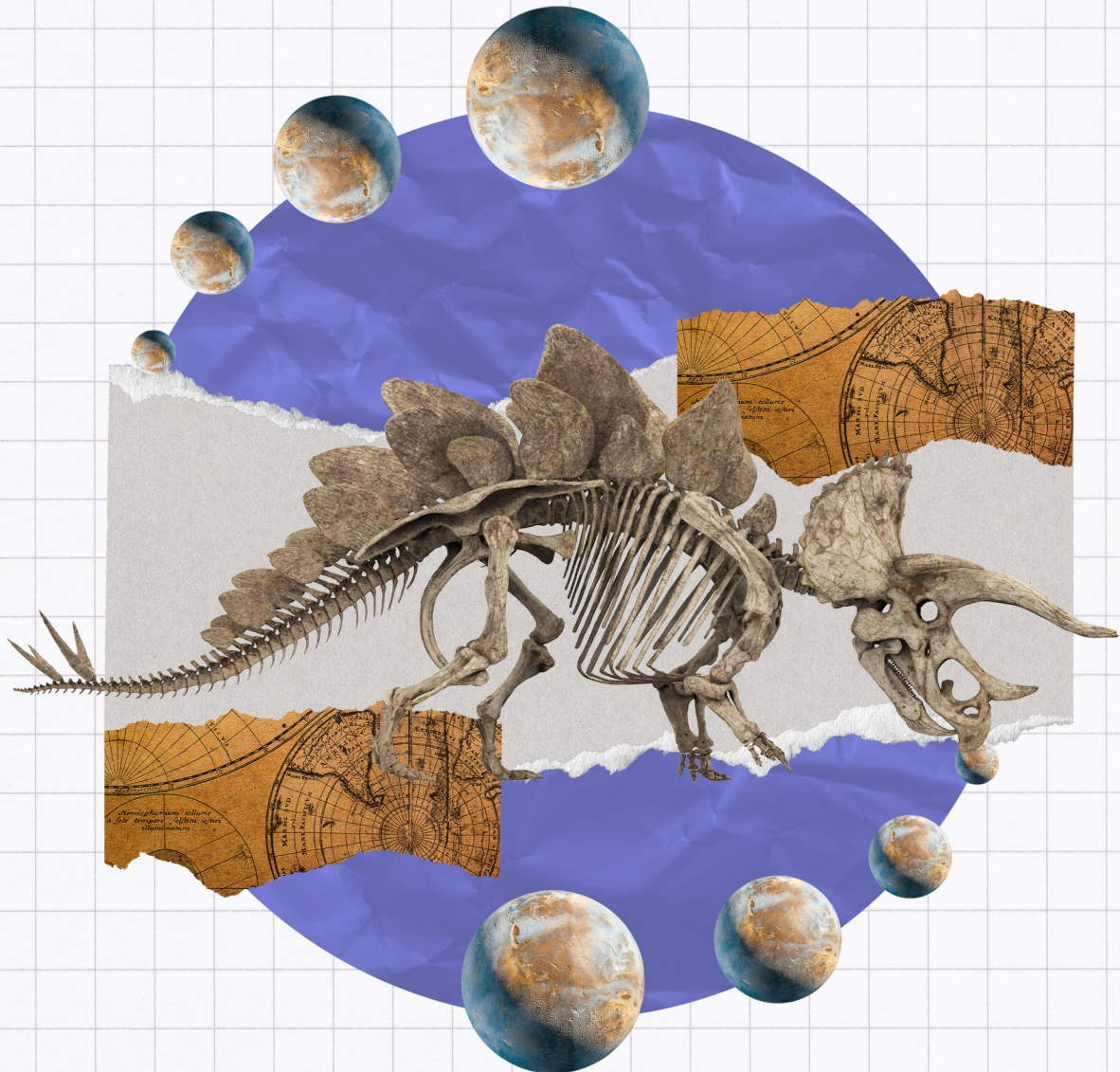
E no terceiro volume da série, traz uma série de textos para orientar práticas pedagógicas mais inclusivas, e ajuda a reforçar os museus como um espaço para todas as pessoas. E pode ser acessado em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2026/04/Espaco-Aberto-a-Educadores-Volume-III.pdf>



Aproveite os materiais e organize uma visita para conhecer não somente o Espaço do Conhecimento UFMG, mas também os diversos espaços culturais e espaços museais da cidade!

Boa leitura.

SEÇÃO 7



Referências

BORGES JÚNIOR, Carlos. **A revista como suporte pedagógico para produção, construção, publicação, publicização e circulação de textos na escola** = The magazine as a pedagogical support for production, construction, publishing, publicity and circulation of texts in school. Humanidades & Inovação, Palmas (TO), v. 3, n. 3, 2016. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/153>. Acesso em: 05 de Fev. de 2026

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. **Museus e experiências**. Blog do Espaço – Espaço Aberto a Educadores, 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/blog-espaco/museus-e-experiencias/>. Acesso em: 9 mar. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 13 de agosto de 2023

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QD-zZKcYVspCNspZVDxC/>. Acesso em: 18 de março de 2026

COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias. Educação museal. In: COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias. In: *Caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM*. Brasília: IBRAM, 2017.

MARANDINO, Martha. Educação não formal. In: *Caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM*. Brasília: IBRAM, 2017. P. 78-80 Disponível em: <https://www.ibermuseum.org/wp-content/uploads/2020/05/caderno-da-pnem-bra-compressed-1.pdf> Acesso em 20 de março de 2026

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação. In: *Caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM*. Brasília: IBRAM, 2017. P. 73-77 Disponível em: <https://www.ibermuseum.org/wp-content/uploads/2020/05/caderno-da-pnem-bra-compressed-1.pdf> Acesso em 20 de março de 2026

PORTELLA, Isabela Sanson. Acessibilidade Plena. In: *Caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM*. Brasília: IBRAM, 2017. P. 59-60. Disponível em: <https://www.ibermuseum.org/wp-content/uploads/2020/05/caderno-da-pnem-bra-compressed-1.pdf> Acesso em 20 de março de 2026

